

A importância da visita ao Chile

* 2 OUT 1997

ESTADO DE SÃO PAULO

O Chile tem sido, historicamente, um constante aliado do Brasil. A amizade estreita e profunda tem origens mais que centenárias, remontando ao período em que se praticava a política de equilíbrio de poder na América do Sul e Brasil e Chile se colocavam num dos pratos da balança, ficando no outro a Argentina e o Peru.

As tensões internacionais que sempre acompanham a política de equilíbrio do poder ficaram para trás e muitas das disputas territoriais que justificaram as rivalidades foram resolvidas. O Brasil superou os principais contenciosos territoriais ainda no tempo do Barão do Rio Branco; Argentina e Chile dependem apenas da arbitragem sobre as Geleiras Continentais para fixar definitivamente suas fronteiras; e o Chile e o Peru têm uma pendência que remonta à Guerra do Pacífico e que talvez não dependa de arbitragens ou negociações para ser resolvida, mas sim da passagem inexorável do tempo.

Fiel à tradição, a diplomacia brasileira manteve a porta do Mercosul aberta para o Chile, que só não se integrou ao grupo porque, no momento da criação, tinha tarifas externas mais baixas do que aquelas

que seriam praticadas pelo bloco do Cone Sul. E, quando houve um mínimo de convergência entre as políticas tarifárias e comerciais, o Chile não hesitou em pedir para ser aceito como associado ao Mercosul.

Agora, é o Chile que mantém as portas do Pacífico abertas para o Mercosul, em geral, e o Brasil, em particular. Como dirigente de turno e anfitrião da 11ª Reunião Anual do Conselho de Cooperação Econômica do Pacífico, o Chile convidou o presidente Fernando Henrique Cardoso para fazer o discurso do jantar de gala. Não se trata de gentileza protocolar. O convite chileno representa, na verdade, o começo da construção de uma ponte que poderá ligar o Brasil e o Mercosul ao Pacífico, a região que mais cresce no mundo e cujo movimento comercial já superou o da área do Atlântico, onde estão os grandes mercados da Europa e da costa leste dos Estados Unidos.

Os organizadores da reunião deram ao presidente do Brasil e às autoridades e empresários que o acompanharam a Santiago uma oportunidade única para atrair investimentos e ampliar os fluxos comerciais com a Bacia do Pacífico. Afinal, a América Latina é, depois da

Ásia-Pacífico, a região que mais atrai investimentos no mundo. Além disso, alguns dos países que compõem o Conselho de Cooperação Econômica do Pacífico — uma ampla organização que abriga inclusive acadêmicos e empresários — estão às voltas com a integração econômica de sua própria região e esse é o momento certo para que países como o Brasil, que precisam captar capitais e aumentar o comércio, melhorem suas posições na Ásia-Pacífico. Os representantes das três dezenas de países que compõem o Conselho estão decidindo se a integração se fará por intermédio de uma estrutura formal ou por meio da abertura unilateral, com a queda voluntária, mas coordenada, das barreiras tarifárias e outras.

Dada a natureza fechada das economias da área, a preferência é pela abertura unilateral. Mas os países que se destacaram do Conselho, formando o Foro de Cooperação da Ásia-Pacífico (Apec), firmaram em Manila, no ano passado, o compromisso de liberalizar e inte-

grar suas economias, numa área de livre comércio, até o ano 2020, iniciando-se o processo em 2010. Em novembro, os chefes de governo e de Estado dos 18 países da Apec se reunirão em Vancouver, no Canadá, para o exame anual dos

problemas de comércio e a concertação dos próximos passos da integração. Na última reunião, em Manila, é bom lembrar, foram acertadas as bases do Acordo de

Tecnologia da Informação, pelo qual os países produtores de cerca de 90% dessas tecnologias e equipamentos concordaram em praticamente eliminar as tarifas que recaem sobre seus produtos e serviços.

A presença do presidente Fernando Henrique Cardoso em Santiago corresponde, assim, a mais que um gesto de gentileza de seus anfitriões. O Itamaraty, os ministérios econômicos e os empresários brasileiros devem ficar atentos para explorar os desdobramentos desse contato, que pode ter sido o lançamento da pedra fundamental da ponte entre o Brasil e a Ásia-Pacífico.

No Chile, FH pode ter lançado os fundamentos da ponte entre o Brasil e a Ásia-Pacífico